



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

Beijinhos da Corunha

Brigitte Paulino-Neto

Para citar este documento / To cite this document:

Brigitte Paulino-Neto, "Beijinhos da Corunha", *Colóquio/Letras*, n.º 184, Set. 2013, p. 131-139.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

Beijinhos da Corunha

BRIGITTE PAULINO-NETO

para Joachim e Cristina

Chuvisco de litoral constipado. Durante todo o Inverno, o Atlântico espirra na cara do seu noroeste europeu. Se a meteorologia não se limitasse a medir a taxa de humidade do ar ou a dados pluviométricos elementares, talvez traçasse um grave diagnóstico a este porto tentado pelo suicídio por afogamento: sintoma de melancolia crónica, típico de qualquer *finis terrae*.

Aí, o homem moderno está atrasado.

Nem todo o mundo se pode gabar de semelhante clima. Um céu que toma a cidade por um lenço de papel, há que merecê-lo. Quando o horizonte permanece incerto, impõe-se um bom conhecimento da tristeza. Uma paleta o mais ampla possível de todos os tons de cinzento — à excepção, enfim (mas está fora de questão ir lá verificar), de alguns dias de pleno Verão, do género tristemente soalheiro, em que o céu tem o mau gosto de ostentar a vulgaridade de um azul sem nuvens, que nos enjoa só de pensarmos nele.

E o homem moderno ainda não chegou.

Certos povos duvidam de que seja desejável viver numa terra onde chove continuamente. Esses, de nervos em franja — conheço-os, tenho viajado muito —, procuram contrariar tal calamidade por meio da ingestão de uma quantidade equivalente de líquidos nos quais rareia a água pura. Convencidos de poder equilibrar o efeito nocivo do que mija lá fora com o que remorde por dentro. Um *Ribeiro*? Um *Godello*? Um *Albariño* directamente da garrafa? Seguidos por *cañas* de *Estrella gallega*? Um equívoco. Quanto a isso, a gente da Corunha é sábia: indiferença perante esse xixi de gato sobre uma cidade que 99% dos habitantes do planeta, sobretudo se vivem a seco, não sabe sequer onde fica: Onde é esse lugarejo? *Where's that fucking place?* *Cos'è?* *Gibt es das?* *Unmöglich?* 在什么地方? *Onde pára essa puta de terra?** لا كرونيا لا اعرف ...

Melo já está a abusar.

Nada lhe direi das minhas hipóteses sobre a Corunha. Se bem o conheço, o homem moderno faria disso um romance: tudo o que mais detesto. De resto, não anda longe da impostura a pretensão de traçar o retrato de qualquer cidade que seja, assim como a alcunha que o meu pai dava a Melo, antecipando as metamorfoses do século. Melhor teria feito se sussurrasse ao ouvido do seu mais seguro confidente a inquietação que lhe inspirava o carisma do jovem *varón*: «*Este, te lo digo, va a ser un peligro!*»

Constato simplesmente a indelicadeza de Melo por me fazer esperar sob a humidade do *Paseo marítimo*. A menos que tenha feito uma aposta, ganha de antemão, sobre a minha pessoa: seduzido pela postura moral de uma cidade que, sob este choro constante, prescinde de guarda-chuva e anda de cabeça bem erguida e a descoberto, ostentando o pudor e a discrição galegas que proíbem importunar o vizinho com os soluços de uma emoção estritamente pessoal.

Devo irritar-me com ele?

Entre todos os lugares deserdados aos quais tenho afeição — perdoem-me que fale de mim — a Corunha é inexcedível. Ponta angular da Galiza, cidade e porto que ninguém deseja para *villeggiatura*, este pedaço extraviado do puzzle da península assemelha-se ora a um rebordo que faz da Espanha uma geometria mal amanhada, ora à peça que falta à harmonia geográfica do seu primo direito português. Este desleixado recorte do tecido luso-castelhano, este bolso mal talhado do fato de ambos os cavalheiros, e que oscila, descentrado, ora para um lado, ora para o outro, resulta do capricho de um jovem tolo. D. Afonso Henriques de seu nome. Consumido pelo desejo incestuoso mal resolvido de afrontar e destruir a mãe, e, como se não bastasse, acalentando o sonho pueril de trucidar o galego convidado a ocupar o leito de seu pai. Como se o reino de Portugal tivesse necessitado desse «complexo de Hamlet» para emergir.

Se ao menos aquela má lua se tivesse dirigido à central de correios da Corunha para, digamos, comprar lindos selos postais — desses que as tabacarias não vendem, já que a Corunha despreza tais delicadezas —, teria podido ponderar, como eu, essa injunção destinada aos impacientes como ele:

Espere aqui su turno / aguarde aquí a súa vez

E, pondo de parte a primeira proposição prescrita por Castela, ignorando a surpreendente acentuação da ordem galega...

— Os disparates que tu dizes! Castelhana? Galego? Português? Sabes muito bem que essas línguas mal se distinguem, pelo menos até Gil Vicente! Estás a gozar comigo?

Eis Melo sem tirar nem pôr! Está na sua natureza de homem moderno. A convicção de saber tudo sobre tudo. Um peixe na água da sua época. Não só emprega a palavra «língua» sem se perturbar com a ideia de que a expressão

designa também o órgão situado na boca, como depressa adopta o generalizado tratamento por tu, quando ainda há pouco, em Portugal ou Castela, o brasão, a terra, a classe, a fé, a idade e o sexo impunham fórmulas adaptadas, complexas, grosseiras ou refinadas... e enquanto isso, a cada vez, esse «tu» perturba-me como se ele me beijasse na boca.

O mesmo se pode dizer dos seus sinais de luzes. Apontados na minha direcção desde a *Estrada xeneral de acceso ao porto*. Suponho, imagino, presinto, e já é dizer muito: como um cliente a interpelar uma rapariga, a fazer-lhe sinal para que entre e, assim que a porta bate com estrondo, a rapariga — ou, se não é ela, a própria Corunha — ordena:

— *Vamos, hombre, vamos dónde quieras. Pero si conoces el camino para el Cielo, vamos dónde sea!*

Buick Eight 1947. Com um movimento do queixo, Melo indica a *tarjeta* sobre o tablier do lado do passageiro. Sem se dar ao trabalho de formular uma frase com sujeito-verbo-predicado, o queixo sugere: se quiseres, podes voltar a estar com a mesma, basta que ligues, da minha parte, a Alejandro Rodriguez, 608 980 869. Quanto a mim, que nunca tinha entrado numa máquina semelhante, curioso com a novidade, baixo a pala contra o sol por engano e, no inesperado espelhinho, vejo um rosto. Esse rosto fita-me. Penso, sem me reconhecer:

— *Mas quem é este velho?* E, no mesmo instante, esse pensamento entristece-me.

Na cabina, a audição forçada de *Tu serás mi baby* — requebrada versão espanhola dos Surfs — faz-me duvidar da compostura que convém, familiares que somos, Melo e eu, a essa língua, o castelhano, desde sempre e em resultado disso: *essas palavras, impossível não compreender o seu sentido... impossível negar a doçura da mão sobre o pescoço hirto de um puro-sangue antes do obstáculo*. Como Melo acrescenta que esse *hit* lhe lembra o último filme de Miguel Gomes, *Tabu*, que ele «adorou» (como se nunca lhe tivessem ensinado, tal como a mim, que só se «adora» a Deus), não me atrevo a dizer-lhe que nunca ouvi falar dos Surfs, de Miguel Gomes, de *Tabu*.

O lado do Porto ou o lado da *Ensenada del Orzán; playas de Riazor*, angras em miniatura dotadas de nome, como a «*de Adormideras*» — perguntamos o que terá essa na cabeça — não é maneira de fixar a paisagem. Uma papa. Excepto nesses poucos dias de pleno Verão em que, pelos vistos, insiste Melo, os jovens lutam contra essa viscosidade, a pele morena couraçada de areia, avançando de ambos os lados daquilo que separa o *farniente* do *farniente*: esse nada da praia e esse nada dos balcões dos bares, das ruas vizinhas. Não quero saber.

Limito-me a pensar: no fundo, a Corunha é parecida comigo. Obstina-damente isolada. Decidida a incarnar esse paradoxo de uma hesitação em existir. Indiferente a todos esses lugares de incontestável solidez onde o sol

abrasador convida a investimentos consideráveis: Produto Interno Bruto de mandíbulas XXL cujo fecho éclair se entreabre num sorriso de Natal perante o gesto de uma tia-avó — resgatada para a ocasião do seu lar de terceira idade — que teve a inspiração de oferecer à criança uma bugiganga de madeira sem pilhas, sem chip electrónico, de quociente intelectual zero, e no entanto, esse brinquedo desmiolado, um nó na garganta ao ver-se lançado para o buraco negro do caixote do lixo.

No hay folga pacífica! Protestam os caixotes do lixo nos seus lugares marcados.

Comparável à Corunha só mesmo os Açores, ilhas *perdidas*. A custo julgamos tê-las encontrado, reencontrado, desencantado, a meio caminho entre o Velho e o Novo mundo; ainda lá estavam no ano passado, mas já não estão. Fartei-me de procurar, nada encontrei. Quantas vezes, ao esquadriñar o oceano, as julguei submersas, ou pensei, eu é que me perdi, quando de súbito, ilha após ilha, todo o arquipélago surgia, miragem nascida em pleno Atlântico, esse deserto onde estremece a vaga solitária, semelhante à visão longínqua e desejável de Omar Sharif galopando em direcção aos olhos azulados de desejo de Peter O'Toole em *Lawrence da Arábia*.

Com uma única diferença: a Corunha não explodiu numa miríade de *confetti*. Até ao momento. Está para vir. Sentimos essa tentação de transcender o estatuto de península, já de si duvidoso, a vontade de cortar o cordão, mergulhar, partir. Não se trata apenas do apelo da chuva finamente insidiosa, esse antegosto de água sobre toda a água que encerra já a Corunha; não se trata apenas de uma e de outra implorando como Dido a Eneias, como toda a amante que procura gabar a sua angra, o seu triângulo das Bermudas, o seu porto aninhado entre as pernas — sobretudo se vive na Corunha, *Calle/Rua de la Sirena* —; trata-se, antes de mais, da gaivota.

A gaivota vive aí. O seu feudo, a sua enseada, a sua pista de descolagem antes do início do voo transatlântico. Comparado com a espécie catalogada sob esse nome, onde encontramos de tudo — as pardas, as brancas, as cinzentas, mas nenhum desses guinchos-comuns, ditos «risonhos», como em Étretat —, o ser humano é insignificante. Em deambulação pedestre pelo seu território ou em sobrevoo, a gaivota tolera os pobres diabos aí encalhados, na sua terra, estranhos à sua nobre espécie. Perante essas figuras passageiras, e nem sequer comestíveis, a ave limita-se a abrir o bico e a deixar cair a sua desaprovação. Por mimetismo, desde que a Corunha existe, as crianças com menos de três anos adoptaram esse grito: basta um tabefe ou a tentativa de os meter contra-vontade no colete-de-forças dos seus carrinhos, e ei-los que lançam esse berro do fundo do papo, na ideia vã de ordenar uma descida em espiral, urgente, de uma armada de gaivotas que os possa salvar disso, desse incompreensível apego à Corunha.

Cabecibranca é o género mais frequente. Uma máquina volante de concepção perfeita. Pequena cabina onde se aninha, por detrás do pára-brisas do olho, o painel de instrumentos automático. A lança espessa do bico perfurando as nuvens, um amplo velame para as massas de ar favoráveis ou contrárias, como numa atracção de feira. Grande paiol sob os flancos, capaz de ingurgitar toneladas de rancor e de balas que herdamos antes de uma largada sem pára-quadras no meio do mar: ala, adeusinho, ciao, fora!...

Aterrando na capota de um carro, a não ser que seja um contentor de onde se desprende um cheiro a espinhas de *faneca* ou a conchas de *mejillón* vazias; se impuser à carlinga da gaiyota a minha vaporosa visão de miope, o que vejo é o perfil dos nossos galeões, o baixo-ventre das nossas naus que pastam e ruminam as ondas, esse puro mecanismo sem alma nem espírito, que não precisa de acreditar na Vida Eterna para avançar — Meu Deus, que estou eu para aqui a dizer?

Comprendemos melhor a Corunha ao saber que Franco nasceu em Ferrol, não muito longe daqui, diz Melo. Com raras excepções, como em *Monte Alto*, assim que foi proclamado o Caudillo, toda a Corunha se acagaçou.

Franco? Não conheço.

Diz-me cá, Meneses, há quanto tempo não lês o jornal? Não me digas que não viste o Lionel Messi nas primeiras páginas dos diários da Corunha?

Messi? Não conheço.

E o Mourinho? Se calhar também não conheces?

Mourinho? Isso diz-me qualquer coisa. Dom José Mário dos Santos Ribeiro Mourinho. Já me lembro: foi condecorado com a Ordem do Infante D. Henrique, ou será que estou enganado?...

Saber que em Ferrol, a dois passos daqui, o oceano dorme aos pés da cidade, mas os seus habitantes estão impedidos de ver a onda azul-rosada ou azul-negra devido às fortificações, e eu lamento-os por essa enlouquecedora privação.

2

Não ficas esfomeado, às vezes, depois de uma viagem destas?, indaga o homem moderno.

E eu:

É... *Vossa Mercê*... perdão... *Usted*... quero dizer... *Vossa Senhoria*... *Vossa Excelência*... você... Sim, é *you*, Melo...

Tento mil e uma vezes antes de cuspir a espinha de congro entalada no fundo da garganta:

És *Tu* que decides.

Francamente, não há meio de lhe passar esta mania do tratamento por tu. E enquanto não me resolvo de vez, os meus lábios, estendidos para essa sílaba

minúscula, bicuda, perdida na frase, parecem reclamar ser consolados sobre a boca... Porém, tratar por tu toda a gente não impede ninguém de desprezar alguns. Assim, a morte não santifica nada, limita-se a esgotar o que somos.

Eu teria preferido o restaurante do José. *Menú único, especial crisis.*

— *Menú crisis?*

Plato de lentilla y cerdo con patatas.

Y cuánto es... tu menú crisis?

Tres euros...

Vale!

Pero, saborear calamares fritos, isso discute-se? Ou pimientos del piquillo ou de padrón grelhados? Ou huevas de erizo de mar? Expostos na montra dessa afamada pulpeira da Plaza de María Pita, espessos ramos de planta suculenta extravasam de uma taça, o seu óleo goteja ao longo dos dedos dele. O tutano das patas de centolla aspirado com espalhafatoso ruído de sucção; somos pagãos capazes de tanto, capazes de muito mais: devorar carne humana, dar o golpe de misericórdia a um quase afogado, roubar-lhe a carteira e as botas, varrer as praias de Guyenne onde viemos parar, onde me apoio no jovem braço de Melo.

Pouco importa que o autor do *Naufração da frota de guerra portuguesa em França no ano de 1627* diga a verdade. Não é a verdade que o anima ao deixar o refúgio da Corunha, mas, se necessário for, a ideia de assassinar pai e mãe por uma pepita romanesca. Sem repugnância ante a pulsão comum, tanto vossa quanto minha, de violar a vizinha, degolar a prima e roubar-lhe o pão, exaltamo-nos um ao outro, sobretudo nas navegações delicadas, de poesia e literatura. Ele que agarra agora um desses palitos à disposição, e eu também, a espuma da sua *Estrella Gallega* passando, intacta, da caneca aos lábios, como um convite a um beijo — mas que ideia é esta, Meu Deus? — dou graças aos Céus por me terem poupado ao conhecimento da sua obra de escritor consumado; a obra de um homem moderno por excelência, espezinhando a memória dos vivos e dos mortos.

3

Sempre cheguei por mar. Incluindo no Outono de 1626, a mais longa, a mais irreflectidamente ligeira; assim costuma ser antes de uma catástrofe. Um soneto de Lope de Vega e *Barro* de Rui Nunes, aos quais tinha confiado o papel de talismã, falharam. A prova de que toda a obra é incerta. Dessa escala na Corunha, a que precedeu a catástrofe, atrevo-me a dizer que terá sido a mais frívola de todas, se é que tal palavra pode de algum modo aplicar-se à minha pessoa. Julgo-o, digamos, em marcha-atrás, embora ciente de que o olhar retrospectivo não tem sentido, já que o futuro é uma visão do espírito.

De regresso das Índias, depois de rumar à Corunha a partir dos Açores, estou acostumado a descer a costa desde a Galiza até Lisboa. Em sentido

inverso, de âncora içada desde a mais bela enseada do mundo, assim que se vislumbram os fogos da *Torre de Hércules*, qualquer marinheiro o sabe: a primeira angra é traiçoeira. E porém tão ampla que convida a entrar as Porcas — adoro tratar assim as nossas naus e os nossos galeões —, empaladas, se nos descuidarmos, pela rocha submersa. O bom velho porto vem depois; quanto a isso, nada mudou desde há um bom século antes de J.C. De resto, nada de fundamental muda ao longo do tempo.

Nunca desembarco. Excepto, naquele ano, na Corunha. Envio mensagens e correspondência à dupla coroa, com nuances de formulação para uma e para outra. De que me serviria descer a terra se, da câmara de vigia, vejo o céu rasgar-se sobre as brechas lacustres, os mares azuis alaranjados, os panos de algodão puidos e o seu enigma sem resolução: se está além, acima, alguém ou simplesmente no mais íntimo de si?

No norte, essa metamorfose dos céus atrai a grande pintura. Mas com essas perspectivas em constante movimento, nenhum pintor daqui conseguiu conciliar-se. No sul, a estação prolongada de um modelo em primeiro plano e o espelho num piscar de olho, sim. O facto é que o recorte à navalha da Galiza, tal como o perfil de um monarca, é irrepresentável. É impossível retratar essa paisagem, o seu precipício, a sua vertigem; eles impõem-se ao cheiro. Ligeiramente floral, subtil, refinado, domina menos que o do sedento orégão de Campo Maior, no Alentejo, onde nasci, mas embriaga.

Hombre, es el olor del mar!

4

As muralhas da *Cidade vella* abrigam o lugar onde troquei a ternura que senti por Melo, sem nunca exigir nada contra a da filha mais nova do meu anfitrião, fachada brasonada da sua bela mansão virada para Santa María del Campo. Como prova de que a ela também nada soube exigir, a sua casa foi construída de modo a prolongar a *Calle de la amargura*.

Que sentimental me saíste! Pareces um estreante ansioso por verificar se o seu primeiro *opus* está condignamente exposto na livraria...

Librería Arenas, Canton pequeño, esse cu de Judas, o *Tratado de Matemáticas* que o jovem Melo, dezassete anos, acaba de publicar antes de embarcar pela primeira vez sob o meu comando, não é o único título em exposição na vitrina. Pilhas dos seus *Doze sonetos para diversas acções à hora da morte de Inês de Castro* — projecto com que me sustenta desde antes da nossa última escala na Corunha — atestam que as velhas luas continuam a vender-se como pãezinhos quentes. Essa *success-story* inspira-me uma lamentável fraqueza:

— Será que tem este título... enfim, razoavelmente conhecido... *Recuperação da Cidade de Salvador...* (1625, se não estou em erro, é a data da edição princeps)... o nome do autor, de momento... que estupidez... varreu-se-me...

— ... Reputação de...? Cidade de...? ... Na secção de «turismo», talvez.

E quando Melo e eu saímos da *Arenas*: chuva fina, brônquios congestionados, costa asmática, é sobre mim, sem cachecol, que o Atlântico espirra os seus miasmas, em cheio na cara.

— O que é que tens? Sentes-te mal? Estás branco como um lençol...

Passando a *rua ciega*, junto à montra de um vendilhão do Templo, sucumbo a um letreiro. O quadro de ardósia não diz *Há caracóis, há cachorros, há pregos**... Proclama: *Hay Llamadores de ángeles*.

Sempre me saíste um bom rato de sacristia, meu velho!

E eu:

Cala a boca!

Alguns transeuntes abrandam o passo. Os *jeans* de Melo, abertos sob o umbigo, denunciam necessariamente um pequeno vadio? O meu fato negro, austero, antiquado, será um sinal de perversão? Em suma, eles filosofam. Um cerco de moradores. Não com a intenção de se intrometerem. Não há vagas tumultuosas no íntimo desta gente, mas, sim, o desejo de.

Não é tanto o que isso mostra que lhes interessa. O que isso mostra vêem-no eles todos os dias no ímpeto oceânico. Todos os dias em cartaz na Corunha, o mesmo programa. Ajuntam-se simplesmente para. O prazer de ver como se ataca, como se finta, como se marca. Nesse corpo a corpo entre ele e eu, Melo e eu, torso a torso, pouco importa quem ganha vantagem. É o modo que interessa.

Agarrado pelos cabelos — que bicho me mordeu — lanço Melo contra um muro, procuro. A sua axila húmida sob a camisa, que bicho me mordeu. A minha mão viajada de homem de outra era, que bicho me mordeu. Aliviado por sentir que a consistência de alguém que tem medo deixa de ser lisa e firme, que bicho me mordeu. Como terei sabido, se não nos tocávamos? Levo-lhe as mãos aos tomates, que bicho me mordeu, aperto-lhos bem, enrugados como que por um golpe de gelo, que bicho me mordeu, e calo-o com um longo beijo na boca.

5

Secos, frios, ocos, apáticos, raiados de filigrana, assim são os engodos aos quais se chama *Llamadores de ángeles*. Tilintam suavemente quando os agita-mos. É assim, ao som de um dedo molhado sobre um reverso de cristal, que os anjos socorrem os aflitos?

Enquanto o Velho Mundo mergulha na tempestade ao mesmo tempo que o meu navio, fora do alcance do meu olhar, pois não me volto para esse cadavérico cavername, e menos ainda para o desaparecimento da nossa gente de bem, das nossas riquezas, dos nossos animais, da infantaria, dos nossos escravos, da nossa reputação... Apoiado no braço do jovem Melo para sair da

chalupa, uma ideia louca assalta-me então, transportada pelo jovem fluxo que passa do seu braço de homem moderno para a minha idade murcha; uma ideia nova, repentina, causada pela catástrofe, da qual a juventude de Melo procura mudamente dissuadir-me: que a minha provecta idade subitamente revelada pela catástrofe, que a minha condição de homem antigo — se bem que nobre condenado a desaparecer como um cão — me autoriza a apelar a essa intercessão dos anjos.

Não para aceder à imortalidade, já que a idade ensina o que é a eternidade — esse pesadelo de uma luz que não se extingue —, mas para reunir a coragem de chegar ao fim do meu trabalho e, como todo o chefe de esquadra tem manuscrito, rematá-lo com o relato da tempestade em mim desencadeada assim que largámos da angra da Corunha no Outono do ano da graça de 1626, sabendo que terei, como dizem os Mouros, de «cantar a minha própria morte». Sem que isto baste — não ousou dizê-lo — para seduzir, comover, tocar o homem moderno. Moderno?

Tudo o que mais detesto.

[Trad. Rui Pires Cabral]

* Em português no original.

[A tradução deste texto segue a antiga ortografia.]